

MARIA RUEFF

**"NÃO HÁ NADA
MELHOR QUE O RISO
COMO FERRAMENTA
DE QUESTIONAR"**

Nome maior da comédia portuguesa, ao longo de mais de três décadas Maria Rueff deu vida a dezenas de personagens. No próximo dia 31 de outubro, regressa ao palco do Teatro Municipal Joaquim Benite com a criação "Elogio do Riso", uma homenagem à arte de fazer comédia e uma ode à liberdade.

TEXTO Sandra Gomes
FOTOGRAFIA Raquel França



AGENDA ALMADA

Agenda Almada (AA):
Como surgiu a ideia de criar o
“Elogio do Riso”?

Maria Rueff (MR):

Surge há bastantes anos de uma ideia minha, antes de o humor estar na moda, porque, de facto, uma coisa é o humor *stand up*, outra coisa é a comédia feita pelos atores comediantes com quem eu tive ainda o gosto de poder trabalhar, para além do Herman, evidentemente, o Armando Cortez, o Nicolau Breyner, que eram herdeiros dessa escola do Ribeirinho, do Vasco Santana, da Maria Matos. Todas essas pessoas, que nós vemos nos filmes portugueses, eram mestres de teatro e a comédia precisa de ser feita por mestres. A arte de fazer comédia em palco é trabalhosíssima. Tem mais técnica do que as pessoas acham. Fui observando uma certa levandade na maneira como se trabalha o humor, o riso, em alguns sítios, e pensei: está na hora de tirar o chapéu aos meus mestres da comédia e aos grandes comediantes [Charlie] Chaplin, Totò, Buster Keaton, [Jacques] Tati, Rowan Atkinson, ou seja, o ator cómico, o ator comediante. A comédia é feita, é preparada com uma seriedade enorme. Aquele ar espontâneo é muito trabalhado. Por norma, o riso vai beber ou surge no mesmo sítio da tragédia: no acontecimento fraturante, desconfortável, num erro, e retrata a nossa humanidade. Tal como na frase de Chaplin: um acontecimento observado de perto é uma tragédia, mas quando é observado de longe é uma comédia, e nessa distância nasce o riso, a capacidade de relativizar o que é dor.

“A comédia é feita com uma seriedade enorme. Aquele ar espontâneo é muito trabalhado. Por norma, o riso vai beber ou surge no mesmo sítio da tragédia: no acontecimento fraturante, desconfortável, num erro, e retrata a nossa humanidade.”

AA: O que está a ser mais desafiante nesta cocriação em parceria com Rodrigo Francisco (diretor artístico da Companhia de Teatro de Almada e encenador da peça) e Hajo Schüller (diretor artístico, ator e encenador da companhia alemã Familie Flöz, responsável pelo movimento)?

MR: Começámos um trabalho de pesquisa – eu e o Rodrigo – há cerca de dois anos. Depois da pesquisa tivemos de fazer uma triagem e vamos fixar-nos, essencialmente, no riso no teatro. Por enquanto, ainda não há texto, a não ser o manifesto “Il controdolore” – “A contrador” – (1914), do poeta italiano Aldo Palazzeschi – que nunca foi

representado –, em que ele reivindica que as pessoas têm de ter a coragem de passar pelo sofrimento, de assumir o seu desconforto, porque só vivendo-o é que se volta a ter armas para conseguir superar esses episódios, superar-se a si mesmo, despir a máscara. O manifesto tem passagens muito belas sobre educar os nossos filhos também a rir, porque, de facto, o olhar do humor, o olhar com humor também se educa. Todos nós somos risíveis. Isto não é uma versão sobranceira sobre os outros. Eu brinco, antes de mais nada, comigo, com os meus defeitos, com os meus erros, com os meus tiques verbais, com a minha forma de andar, com o meu corpo... Esse manifesto, digamos que é o nosso texto, mas também está a servir-nos de pretexto para criar algumas situações. Estamos a levantar esta narrativa, esta cocriação, com o Hajo Schüller, de como podemos homenagear o cómico, o comediante de palco, e a trabalhar a minha fiscalidade. Como é que posso surpreender e me posso surpreender também. Tenho a humildade e a modéstia de saber que posso falhar, mas também acho que tinha a obrigação de tentar, de procurar essa técnica do ator comediante, numa altura em que está na moda o humor, mas que se deixa talvez, às vezes, um bocadinho de parte a comédia no teatro.

AA: “O Homem só pode ser levado a sério quando ri”. Sente que esta afirmação de Aldo Palazzeschi continua atual?

MR: Sim, porque é alguém que todos os dias chega a uma postura de humildade, de aceitação.

“Só um homem que leva a sério a sua maneira de viver, o homem que ri (...) é que se pode levar a sério, porque reflete também sobre si próprio e sobre os outros, e que não se esconde, que não é cobarde, assume-se com os seus erros.”



Humildade no sentido de uma profunda lucidez de que somos imperfeitos. Tudo o que fazamos é passível de reflexão, se nos comportámos bem connosco, com os outros, se nos estamos a entregar verdadeiramente às coisas ou só estamos a passar pela “espuma dos dias”. Só um homem que leva a sério a sua maneira de viver, o homem que ri, porque percebe que está cheio de coisas risíveis, é que se pode levar a sério, porque é um homem que reflete também sobre si próprio

e sobre os outros, e que não se esconde, que não é cobarde, assume-se com os seus erros. No meio de uma sociedade onde as redes sociais são despóticas, porque só se vive com o parecer e não com o ser, interessa “a minha selfie”, esse homem que ri de si próprio sacrifica o seu ego, põe-se em causa, não tem laivos de narcisismo. Hoje vivemos numa sociedade profundamente narcísica, quase sociologicamente psicopática até. O ser-se “cancelado” é uma

nova forma de “enforcar o bobo”. Para além disso tudo, há aqui uma coincidência de uma grande importância de refletir sobre isto, porque não há nada melhor que o riso como ferramenta de questionar. A rir se castiga os costumes, como diz a expressão em latim “ridendo castigat mores”.

AA: A historiadora Verena Alberti afirma que “o riso permite pensar o que não pode ser pensado”. De que forma

AGENDA ALMADA

o “Elogio do Riso” pretende surpreender o público e que questões procura levantar?

MR: O riso permite-nos refletir sobre a nossa condição social, filosófica, política, não no sentido partidário do termo, ou até a nossa intervenção como artistas. No segundo ano do Conservatório tive o privilégio de fazer uma comédia com o Armando Cortez e a Manuela Maria, que são os meus padrinhos de cena. A peça era muito extensa e eu e o Armando Cortez tínhamos quase uma hora em que não entrávamos e tive o privilégio de, no camarim, ele me ensinar, de passar-me para a mão todos estes manuais que eu agora estou a visitar, nomeadamente “O riso” (1899) de Bergson, que é a bíblia dos comediantes sobre o riso. O Armando Cortez deu-me, digamos, aulas privadas sobre o que é ser um comediante, qual é a sua função, a técnica, que demora e se aprende no palco, nas tábuas, a atirar uma graça, o que é um “foguetão” – uma gargalhada que explode na plateia –, como é que o cómico atira a “bola do foguetão”, como é que respira, como é que espera para depois retomar, como é que repete uma palavra, por exemplo, se o público não ouviu, porque estava numa gargalhada e se perdeu o fio condutor da história, como é que se constrói uma personagem com seriedade, mas, ao mesmo tempo, com leveza, porque a comédia também traz leveza... Toda esta complexidade técnica tive o privilégio de me ser assim passada, tipo testemunho, pelo Armando Cortez e, portanto, eu, humildemente, sei da enorme

dificuldade que é fazer isto. [Neste espetáculo] estamos a construir zonas que são comédia pura, mais física, um humor que, para mim, também é uma novidade. Por norma, começo pela observação, claro, mas depois mais pelo texto.

“Hoje em dia,
as pessoas estão
muito infelizes.
É uma das coisas que
me comove muito
como artista. (...)”

Esquecemo-nos de rir,
não só dos cómicos,
mas de si próprios, de
como posso provocar
em mim esse olhar
que me atenua a vida,
que não precisa ser só
com Xanax.”

Aqui foi ao contrário. O texto está lá, mas, por enquanto, é como um libreto, digamos assim, ainda não está na minha boca. Começámos pelo corpo, por todas as técnicas da pantomima. Esse tem sido o trabalho. Tem sido o que eu, Maria, tenho vindo a desafiar-me, porque se

repetirmos fórmulas *ad nauseam* também a pessoa como artista acaba por morrer por dentro e, portanto, isto foi o que me fez desafiar. Obviamente que depois é sempre o público quem manda, é para ele que trabalhamos. Desde sempre, aprendi com os mais velhos: fazer teatro para as pessoas. A comédia é uma relação direta com o público, por isso é que a cada espetáculo, a cada segundo, somos avaliados, o que também é muito cruel. Por isso é que digo que também implica coragem fazê-la. Não me estou a autoelogiar. A comédia é feita sem rede. A pessoa ou faz rir ou não faz rir. Ponto.

AA: Este espetáculo pode ser considerado uma homenagem à comédia e uma ode à liberdade?

MR: É exatamente isso. Em quase todos os manuais vem isso. O louco, a criança e o cómico estão no mesmo recreio. São seres livres. Há, de facto, uma grande dose de liberdade ligada ao cómico, porque, por norma, o cómico é o ator vagabundo, ou seja, isto herda muito da *Commedia dell'Arte*, do circo, do saltimbanco. São livres no sentido de não estarem acoplados nem a poderes políticos, nem a poderes institucionais. Não estar preso a nenhuma conveniência dá ao cómico uma grande liberdade. Portanto, isto é também um “tirar o chapéu” a essa bravura, a essa liberdade. Comove-me muito fazer este espetáculo em Almada. É como se tivesse em si a própria essência do que é a comédia, a tal distância sobre a pólis, a grande cidade Lisboa. Estamos a perder a essência como portugueses,



em Lisboa, no Porto, no sentido de estar tudo “maquilhado”. Esse lado aqui ainda é puro. Puro nesse sentido de essência e, portanto, também isso vê-se melhor a partir de Almada. (...) No segundo ano do Conservatório fui aconselhada por um professor a desistir, porque estava a tirar o lugar às atrizes, e a minha professora Anna Paula Zeiger, que era uma grande atriz, deu-me 18 num ateliê que eu fiz de Gil Vicente, para compensar essa suposta negativa que me iam dar, por já ter jeito cómico. Há esse preconceito sobre a comédia, o olhar um bocadinho como o parente pobre. Por isso é que digo que o humor está na moda, mas, na verdade, a dignificação da comédia é sempre um “trabalho de sapa” que todos nós que

fazemos comédia pura e dura – falo do José Raposo, da Marina Mota, de mim, do Monchique – levamos às costas. Dá sempre a sensação de que não somos pares em absoluto. Levo essa mochila às costas praticamente desde que me formei. O revolucionário que foi o encontro do Papa Francisco com os humoristas... O que ele veio dizer ao mundo foi: atenção que estes senhores são precisos, porque a função da comédia é igual à tragédia. É fazer uma catarse. É uma ferramenta para que os homens e mulheres possam fazer a catarse das suas dores, dos seus erros. Isso também me comoveu, porque já tinha este projeto, mas é quase como uma espécie de confirmação, e foi muito importante para a dignificação desta arte, deste ofício.

AA: Qual considera ser o papel do riso e da comédia atualmente, perante todos os conflitos e desafios que enfrentamos enquanto humanidade?

MR: Na essência, o riso não se dá com o fundamentalismo, seja ele qual for, religioso, de costumes, de poder... O riso serve, justamente, para desafiar, muitas vezes com valentia, pondo a vida em risco. Hoje em dia, continuamos com a suposta liberdade de expressão, mas, na verdade, nunca se discutiram tanto os limites do humor. O humor é sempre alvo de uma tentativa de ser condicionado ou manipulado pelos poderes, sejam eles financeiros ou políticos. Há uma inversão total 51 anos depois do dia 25 de Abril.

AGENDA ALMADA

O machismo não foi resolvido, a misoginia é inacreditável e a homofobia continua presente... Estamos, outra vez, a voltar a obrigar as pessoas a encaixarem-se em estereótipos... Precisamente, cá está o cómico para os estragar. É essa a função dele.

AA: Na sua carreira, o humor tem sido uma marca distintiva. Que lugar ocupa o riso na sua vida e no seu percurso artístico?

MR: Sinto-me uma atriz comediante e tenho muito orgulho nisso. Lembro-me do dia no conservatório quando um professor me quis chumbar, me ter marcado profundamente e também, ao mesmo tempo, ter sentido uma espécie de honra e orgulho – “que bom, tenho este *plus*, tenho esta característica de ser uma atriz comediante”. Por norma, quase todos os comediantes são sérios. Eu sou profundamente tímida, quase doentiamente tímida, ou seja, [no humor] tenho de estar muito à vontade, tal como uma criança em família, porque o humor é a arte de brincar com a fealdade, com o ridículo. Despimos a alma, que é o mais difícil de mostrar. Também faço esta apologia ao riso na saúde mental, que também está na ordem do dia. A tal “anestesia”, o número de suicídios que não para de aumentar, porque as pessoas não conseguem lidar com as suas frustrações. O meu pai fez uma depressão, porque não aguentou a descolonização, portanto, eu desde pequenina que lidei com a doença mental, que visitei hospitais psiquiátricos, que todos os dias luto, porque todos nós lutamos, por ser



mentalmente saudável. É um exercício que devemos fazer, de não anestesiarmos os nossos desconfortos “por dá cá aquela palha”, depois entramos em ciclos viciosos e não conseguimos sair deles. Não devemos ter vergonha de rir, de achar piada aos nossos erros, aos erros dos outros, de brincar com isso, quanto mais não seja, para ganhar alguma saúde mental. Assumir a minha idade é uma coisa que também me agrada neste espetáculo. Tenho 53 anos, portanto, é com esta “plasticina” – já com rugas, a caminho da menopausa... – que vou continuar a trabalhar, se o público me quiser, claro. Os tempos evoluíram muito rapidamente. As pessoas vivem debaixo de ditaduras, do ter de ser novo, do ter de ser magro, do ter de parecer rico, do ter que parecer com sucesso. Os valores humanistas estão a regredir, o que é muito triste, é assustador.

AA: O que gostaria que o público levasse consigo depois de assistir à peça?

MR: Não sei se tenho essa capacidade, mas a peça vai sobrevoar momentos de riso,

também alguma tristeza, porque a comédia alimenta-se também do que é triste. Hoje em dia, acho que as pessoas estão muito infelizes. É uma das coisas que me comove muito como artista. Gostava que as pessoas levassem essa ferramenta para o dia a dia, de que vale a pena olhar para as coisas de forma risível. Esta sabedoria é muito antiga. Esse lado genuíno que o povo português tem, as anedotas típicas... Acontece uma desgraça e o português passado cinco minutos já fez uma anedota. Nós tínhamos essa capacidade. Isso ajudou-nos a sobreviver, a combater os maus tempos. Caramba, esquecemo-nos de rir, não só dos cómicos, mas de si próprios, de como posso provocar em mim esse olhar que me atenua a vida, que não precisa ser só com Xanax. Até a própria sociedade quase que nos fez desistir de sermos boas pessoas. O Papa Francisco dizia uma coisa muito bonita – ofereçam ao outro um sorriso. É uma coisa tão simples. Um sorriso desarma o outro, como uma criança que ri para nós.